

# Até 2030, 39% das habilidades desaparecerão. O que os líderes precisam fazer agora?

O Fórum Econômico Mundial trouxe um dado que deveria estar no radar de qualquer líder. Até 2030, 39% das habilidades atualmente exigidas no mercado de trabalho serão transformadas ou se tornarão obsoletas

Denise Joaquim Marques (\*)

O estudo mostra que a velocidade das mudanças está redefinindo profissões e a forma como as organizações precisam desenvolver pessoas. O que hoje é considerado um diferencial pode deixar de ser relevante em poucos anos, enquanto novas competências surgirão em resposta às transformações tecnológicas, econômicas e sociais que estão em curso.

Muitas empresas seguem buscando respostas nas mesmas estratégias que utilizaram no passado. Mapeiam lacunas de conhecimento, oferecem treinamentos e atualizam programas de capacitação. Embora tais iniciativas sejam importantes, elas já não são suficientes para acompanhar a velocidade das mudanças. O desafio atual não é ensinar novas habilidades, mas preparar o profissional para aprender continuamente.

Isso acontece porque a vida útil das competências está cada vez menor. Em muitos casos, uma habilidade começa a perder relevância antes mesmo de ser plenamente dominada. O conhecimento técnico continuará sendo importante, mas sua validade será cada vez mais curta. Por isso, as organizações precisarão investir em algo mais profundo do que o desenvol-



vimento de competências específicas.

O desafio para as lideranças é que a maior parte dos modelos de desenvolvimento profissional foi construída para um cenário de relativa estabilidade. Primeiro identificava-se uma necessidade, depois oferecia-se um treinamento para preenchê-la. Hoje, porém, a realidade é diferente. As transformações ocorrem em ritmo acelerado e exigem profissionais que se adaptem continuamente. Isso demanda uma mudança de perspectiva. Em vez de apenas transferir conhecimento, as empresas precisam criar condições para que as pessoas desenvolvam autonomia, flexibilidade e repertório para lidar com situações inéditas.

A pergunta mais importante deixa de ser quais competências devem ser desenvolvidas e passa a ser o que estimula um profissional a aprender

continuamente. Afinal, duas pessoas expostas ao mesmo treinamento podem apresentar resultados completamente diferentes. Essa resposta vai além do conteúdo oferecido, estando relacionada à disposição interna de cada uma para absorver, testar, revisar e incorporar novos conhecimentos. É essa atitude que permite acompanhar a velocidade das transformações sem que cada mudança seja percebida como ameaça.

Existe ainda um equívoco recorrente nas organizações, que é o de acreditar que a aprendizagem ocorre apenas quando surge uma necessidade urgente. Na

O desafio atual não é ensinar novas habilidades, mas preparar o profissional para aprender continuamente

prática, as equipes que melhor se adaptam são aquelas que cultivam o desenvolvimento como parte da rotina, antes mesmo de qualquer pressão externa. Por isso, líderes que desejam preparar suas equipes para os próximos anos precisam olhar além dos currículos e dos programas de capacitação. O papel da liderança inclui a construção de ambientes que valorizem a curiosidade, a experimentação e a aprendizagem contínua. Mais do que identificar o que o time precisa aprender, será cada vez mais importante compreender o que desperta nas pessoas a vontade de aprender.

Em um cenário no qual 39% das habilidades atuais podem desaparecer até o final da década, o diferencial competitivo não estará somente no conhecimento acumulado, mas na capacidade de adquirir novos conhecimentos continuamente. As competências mudam, as demandas do mercado evoluem e as tecnologias se transformam. A disposição para aprender, no entanto, continua sendo uma das poucas capacidades capazes de atravessar todas essas mudanças e manter pessoas e organizações relevantes ao longo do tempo.

(\*) Consultora de negócios especializada em Vendas e Marketing, com foco em estratégias de alta performance, liderança comercial e diferenciação de mercado.

## Blockchain e a fronteira invisível da confiança digital

Leonardo Araújo de Assis (\*)

*Durante muito tempo, o debate sobre blockchain esteve concentrado nas criptomoedas, na volatilidade dos ativos digitais e nas promessas de um mercado ainda em consolidação*

Hoje, esse cenário é outro. A tecnologia avança rapidamente para aplicações concretas, impulsionando a tokenização de ativos do mundo real, a modernização das infraestruturas financeiras e iniciativas reguladas, como o Drex no Brasil. Mas, à medida que a blockchain amadurece e passa a sustentar transações de alto valor, uma pergunta torna-se cada vez mais relevante: como garantir que quem autoriza uma operação é, de fato, quem diz ser?

A própria blockchain resolve parte da equação ao assegurar a integridade dos dados e a imutabilidade das transações. O elo mais vulnerável, porém, continua sendo a identidade humana. Não basta que o registro seja inviolável se o acesso ao sistema ainda depende de mecanismos suscetíveis a fraudes, roubos de credenciais ou manipulação digital.

É justamente nesse ponto que a biometria palmar começa a assumir um papel estratégico. Mais do que uma evolução das tecnologias biométricas tradicionais, ela representa uma nova camada de autenticação capaz de conectar o mundo físico ao universo descentralizado da Web3.

Durante anos, a experiência de uso das carteiras digitais e a necessidade de armazenar chaves privadas complexas representaram um dos principais obstáculos à adoção em larga escala da blockchain. A busca por soluções mais simples levou à popularização da biometria facial nos smartphones, mas a evolução dos deepfakes, dos ataques de injeção de vídeo e das técnicas de falsificação rapidamente evidenciou suas limitações.

A biometria baseada no reconhecimento vascular da palma da mão propõe uma abordagem diferente. O mapa das veias subcutâneas é único para cada indivíduo, inclusive entre gêmeos idênticos, e sua validação depende da presença de fluxo sanguíneo ativo, tornando a tecnologia resistente a réplicas físicas, fotografias e outros tipos de fraude. Ao mesmo tempo, trata-se de uma solução touchless, adequada para ambientes de grande circulação, e que reduz parte das preocupações relacionadas à privacidade ao exigir um

gesto voluntário do usuário para realizar a autenticação.

É justamente essa combinação entre segurança, conveniência e respeito à experiência do usuário que amplia o potencial de aplicação da tecnologia.

No universo das carteiras inteligentes, por exemplo, a biometria palmar pode substituir senhas e reduzir a dependência das chaves privadas para autorizar operações ou recuperar o acesso a ativos digitais. Em ambientes que utilizam modelos descentralizados de governança, ela também contribui para a chamada "prova de humanidade", ajudando a distinguir pessoas reais de robôs e dificultando ataques baseados na criação de identidades falsas, sem comprometer a privacidade dos usuários graças a mecanismos como as provas de conhecimento zero.

O impacto também tende a se expandir para o sistema financeiro tradicional. À medida que Pix, Drex e outras infraestruturas digitais evoluem para ambientes cada vez mais integrados, a autenticação biométrica poderá transformar a experiência de pagamento. Em vez de depender de cartões, celulares ou senhas, bastará aproximar a palma da mão de um terminal para que a identidade seja validada e a transação autorizada de forma segura.

No ambiente corporativo, o potencial vai além dos meios de pagamento. A autenticação por biometria palmar pode fortalecer controles de acesso físico e lógico, enquanto o registro dessas autenticações em blockchain cria trilhas de auditoria permanentes, imutáveis e distribuídas. Isso eleva o nível de governança, reduz riscos de manipulação de registros internos e amplia a confiabilidade dos processos críticos.

À medida que a economia digital evolui, fica cada vez mais evidente que a confiança não depende apenas da segurança dos dados, mas também da segurança da identidade que os movimenta. A blockchain já demonstrou sua capacidade de garantir a integridade das informações e das transações. O próximo passo consiste em assegurar que o ponto de entrada desse ecossistema seja igualmente confiável.

Eu entendo que a biometria é, agora, um elemento estruturante da nova economia digital. Afinal, o futuro da identidade estará baseado na assinatura biológica única que carregamos na palma da mão.

(\*) CEO da Biostation.

AS PUBLICAÇÕES LEGAIS NOS JORNAIS SÃO DATADAS E AUTENTICADAS, SEM MARGEM PARA ALTERAÇÃO POSTERIOR DO CONTEÚDO DIVULGADO.

AFINAL, O JORNAL É LEGAL.



Fórum de Autorregulação do Mercado Publicitário

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS AGÊNCIAS E VEÍCULOS ESPECIALIZADOS EM PUBLICIDADE LEGAL

JORNAL DO INTERIOR